

FMI esclarece entrevista de Camdessus sobre o País

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O boletim do departamento de relações externas do Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou, ontem pela manhã, um esclarecimento de seu diretor-gerente, Michel Camdessus, sobre a entrevista que concedeu ao diário francês Le Figaro, mencionando o Brasil.

Segundo o boletim, "Camdessus expressou surpresa por ter sido mal interpretado quando ele afirmou sua confiança na capacidade do Brasil para resolver seus problemas econômicos e da dívida externa rapidamente". Uma fonte do FMI disse a este jornal ontem à tarde que a opinião geral na instituição é a mesma. Camdessus quis fazer um elogio.

A frase de Camdessus publicada no perfil que lhe dedicou a jornalista francesa Jacqueline Grapin, entre aspas, é a seguinte: "Se o Brasil for bem administrado durante três anos, não se falará mais sobre a sua dívida". Jacqueline acrescenta que ele disse isso como que para desmentir o presidente dos Estados Unidos, George Bush, para quem "o Brasil vai continuar por muito tempo a ser o país do futuro".

O comentário do diretor-gerente do FMI foi interpretado no Brasil como uma crítica à má administração atual do País, mas o contexto do artigo e a comparação com a observação irônica de Bush sugerem que de fato Camdessus se

referia mais à capacidade potencial de o País resolver seus problemas do que ao desempenho do governo Collor de Mello.

É a segunda vez em dez dias, porém, que Camdessus é mal interpretado quando se refere ao Brasil. Na primeira vez, na entrevista coletiva em que antecipou a agenda da última reunião do comitê interino do Fundo, ele disse que não bastava o Brasil pedir um programa com o fundo; para que o programa seja aprovado, será importante que o País também "finalize" um acordo com os bancos comerciais, não somente sobre o passado (juros atrasados) mas também sobre o futuro (principal).

A entrevista provocou surpresa mesmo entre técnicos de sua instituição porque o roteiro aprovado pelo próprio FMI, no caso de negociações pelo Plano Brady de redução da dívida, indica a necessidade de "avanço substancial" nas conversas do País com os credores privados, e não de finalização, como disse Camdessus.

O uso da palavra inglesa "finalize" (finalizar) foi interpretado então como um equívoco do economista francês, cuja dificuldade de pronuncia nesse idioma é conhecida. E a aceleração nos entendimentos do país com o FMI, na semana passada, tornou essa palavra aparentemente irrelevante. Na entrevista a Le Figaro supõe-se que Camdessus se expressou impecavelmente na sua língua nativa.